



**IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
V SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
IV CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

(Velhice e processos de envelhecimento)

**As transformações do meio rural e as memórias dos idosos:
uma análise autobiográfica**

Lídia de Jesus Souza¹
Rita de Cássia Pereira Farias²

Resumo: O presente estudo teve por objetivo analisar a memória afetiva de idosos/as em relação ao meio rural. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa exploratória-descritiva, que utilizou como instrumento de coleta de dados questionário semiestruturado e entrevista narrativa autobiográfica. Para a análise dos dados foi empregada a Análise do Conteúdo. Conclui-se que a memória associada a aspectos sociais e culturais gera vínculos afetivos e simbólicos com o rural ressignificando-o no contexto de interação campo-cidade.

Palavras-chave: Memória; Rural; Velhice.

Abstract: The present study aimed to analyze the affective memory of the elderly in relation to the rural environment. It was an exploratory-descriptive qualitative research, which used a semi-structured questionnaire and autobiographical narrative interview as a data collection instrument. Content analysis was used for data analysis. It is concluded that the memory associated with social and cultural aspects generates affective and symbolic bonds with the rural, re-signifying it in the context of countryside-city interaction.

Keywords: Memor; Rural; Old Age.

¹ Estudante do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa/MG, Brasil. Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: lidia.souza@ufv.br

² Professora associada. Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa/MG, Brasil. Doutora em Antropologia. E-mail: rcfarias@ufv.br



1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, vários estudos como os de Argimon et al (2011), Silva (2010) e Mesquita (2017) têm apontado que a velhice ganhou visibilidade e interesse em diversas áreas, sendo compreendida em sua totalidade e em caráter multidimensional, não somente como um fenômeno biológico, mas também em seus aspectos psicológicos, sociais e culturais. Desta forma, a compreensão da memória, em sua dimensão afetiva, tornou-se produtora intrínseca da identidade social do idoso.

Embora as temáticas relacionadas ao uso da memória se desenvolvem relativamente em investigações no âmbito da Antropologia, ainda são escassos os estudos que consideram a dimensão afetiva do idoso com o meio rural. Acrescenta-se ainda que, no Brasil, pesquisas e textos acadêmicos revelam-se pouco preocupados com certos segmentos do mundo rural, entre os quais se destacam o idoso e sua velhice. Neste contexto, a invisibilidade desse segmento desafia o pensar sobre os idosos nos processos de vivências no meio rural. Em questão, as transformações produtivas, não apenas do mundo do trabalho, da sua relação com a terra, mas também do mundo da vida, das relações de sociabilidade, da família e das tradições de uma realidade em constante mudança.

A opção por trabalhar com as memórias dos idosos vai ao encontro de algumas constatações fundamentais. Dentre elas, destaca-se que, o idoso é um narrador por excelência, que tem grande experiências de vida, viveu muito e, por isso, tem várias histórias para compartilhar (BENJAMIN, 1993). Ademais, a memória dos idosos, ainda que individual, é também “coletiva na medida em que traduz experiências e representações produzidas a partir de seu contato com diferentes grupos e instituições” (HOROCHOVSKI, 2008, p.2). Conforme Halbwachs (2006), ao rememorar, o indivíduo não reconstrói fatos “tal como foram”, mas tem como referência o tempo presente.

Tal proposta se justifica porque quando um senhor ou uma senhora se referem ao tempo em que viviam no meio rural, usando o pronome “meu”, isso significa que o passado faz parte de sua própria identidade. Ou seja, o passado foi vivido e experimentado, até constituir sua história de vida. Mais ainda, eles estão diferenciando o “tempo deles”, do “nosso tempo”, estão comparando o passado onde viveram as suas principais experiências de vida com o presente no qual os jovens e os adultos de hoje, estão construindo suas próprias histórias de vida. Comumente os idosos estão afastados do trabalho, alguns já perderam o cônjuge e podem se encontrar pouco com as pessoas de sua idade. Neste sentido, passam a viver uma nova fase da vida e a exercer funções diferentes na família. E



é nesse momento que os idosos podem exercer o importante papel de transmissor da história familiar e/ou sociocultural, para as novas gerações. Segundo Bosi (1987, p.41), a

[...] conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada a nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento de paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.

Para tanto, buscou-se entender quais os significados são construídos pelos idosos/as em torno do processo de envelhecer no meio rural? Tráz-se à baila a necessidade de ouvir e interpretar as narrativas dos idosos/as, com base em discussões teóricas sobre envelhecimento, gênero e memória. É com base nestes pressupostos que pretendeu-se enfatizar o papel do idoso na sociedade, sobretudo nas áreas rurais, através de uma abordagem na qual privilegiamos as experiências que guardadas na memória podem ganhar corpo e sentidos polissêmicos através da narrativa. Destaca-se, ainda, a importância também de compreender a forma como se relaciona com o território que o circunda, através da memória afetiva dos idosos. Dentro do vasto tema de estudo, optamos por utilizar a memória autobiográfica, por abarcar eventos do passado, em relação direta com o reconhecimento da identidade (VARELA, 2011).

Para uma maior compreensão do envelhecimento e construção da problemática de pesquisa, escolheu-se desviar parcialmente das leituras sobre os aspectos biológicos do envelhecimento e explorar os conhecimentos da área de ciências humanas e sociais, enriquecendo as discussões sobre o envelhecimento humano. Desta maneira, este estudo buscou responder a seguinte pergunta: como a memória afetiva dos idosos/as com o rural, dialoga com o processo de transformação do campo?

Na busca de responder ao questionamento posto, o artigo teve como objetivo geral analisar a memória afetiva de idosos/as em relação ao meio rural.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO: A MEMÓRIA AFETIVA DOS/AS IDOSOS/AS EM RELAÇÃO AO RURAL

Para melhor organização dos resultados, a discussão sobre a memória afetiva dos/as idosos/as em relação ao rural foi dividida em três partes: o processo de envelhecimento; a migração campo-cidade; e os valores sociais.

Participaram desta pesquisa dezesseis idosos, sendo 13 (81,25%) do sexo feminino e 3 (18,75%) do sexo masculino. As idades compreendem entre 65 a 92 anos.

Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas entrevistas narrativas autobiográficas, de forma presencial, junto aos idosos/as participantes do estudo.



2.1. Memórias e envelhecimento

O envelhecimento não acontece de uma hora para outra, mas se processa de forma dinâmica através das experiências de vida e as situações vividas ao longo do tempo. O lembrar para os idosos é a reconstrução no presente, de histórias, de fatos e experiências de vida. Essa memória é constituída de informações sociais cuja identidade é formada a partir de elementos do passado (MARINHO; REIS, 2016).

Recordar é iniciar o processo de renovação da identidade através das lembranças antigas. (MATOS, 2004). Ou seja, a memória tem atribuições individual e coletiva, além de ser capaz de unir o passado e o presente. Assim, a memória possui um liame com a identidade, no sentido de que o indivíduo escolhe lembrar apenas aquilo que lhe confere significação e identificação (POLLAK, 1989).

As memórias autobiográficas, segundo Brandão (2008), possuem uma complexidade de significações e podem ser compreendidas através das narrativas. Segundo o autor, “[...] as memórias, especialmente as autobiográficas, podem ajudar-nos nesse trabalho de ler o “invisível” como instrumento fundamental na recomposição do imaginário [...]” (p.29). Pereira (2012) menciona que, através das narrativas autobiográficas, os indivíduos são capazes de trazer para o presente “os fatos que marcaram suas vidas no tempo da infância” (p. 5). A narrativa autobiográfica tem a função de trazer a luz à memória de infância dos idosos como meio de compreender a sua formação identitária em relação ao meio rural.

Considerando que todos os entrevistados, tem origem rural, 4 deles (25%) relataram que trabalhavam na infância, tanto nos trabalhos domésticos, quanto na atividade do campo. Alguns fragmentos das narrativas dos entrevistados que expressam uma infância negada:

Eu lembro que não tive tempo de brincar. Já nasci trabalhando, só tenho imagem de trabalho. Eu estava com 9 anos minha mãe já começou a me pôr no fogão, tinha 10 irmãos, tinha dia que meu pai me colocava com os trabalhadores na roça, e minha mãe era parteira e minha mãe saía e me deixava sozinha. Matava aqueles capadões [porcos] e colocava lá em cima da dispensa, as parteiras mandavam chamar minha mãe, ela partia e o serviço ficava para mim[...]. Tinha que trabalhar e cuidar dos irmãos muitas vezes meu pai me chamava antes de amanhecer para cortar cana para a gente fazer rapadura. (Maria Augusta)

A infância nossa também foi de roça, foi tudo de trabalhar na roça, a gente trabalhava o dia inteiro chegava em casa tinha cana na engenhoca para fazer garapa para fazer o melado. Na minha infância eu ajudava a minha mãe a socar arroz e café. Dava umas 3 batidinhas e devolvia para ela. (Rita Lima)

Podemos inferir nas narrativas, através das memórias evocadas que, os membros da família desempenhavam tarefas desde a tenra idade, a fim de garantir a sua sobrevivência dada as condições socioeconômicas a que estavam submetidas. Por este motivo, as primeiras lembranças em relação à construção de suas identidades estão associadas ao trabalho como elemento da sua formação social. A cultura e o costume era educar através do trabalho.



As dificuldades de ordem econômicas a que estavam sujeitos obrigava as crianças a trabalharem desde cedo, tendo que realizar multitarefas para ajudar os pais nas atividades domésticas e do campo. Consideradas como um adulto em miniatura, elas participavam com os adultos no espaço público e trabalhavam (ARIÈS, 2012).

Esses elementos perpassam a construção identitária e revelam como as relações sociais eram articuladas naquele tempo e como são ressignificadas no tempo presente. Para a compreensão das relações sociais e o trabalho na infância é necessário relatar que nas unidades familiares rurais, o trabalho tinha a função educadora e de socialização “[...] e de complementação da força de trabalho nas atividades agrícolas e domésticas” (MARIN, 2018, p.52). Uma expressão cultural incorporada pelos indivíduos daquele tempo.

Nota-se que, a infância no meio rural não era marcada apenas pelo trabalho, ao recordarem da infância, 14 (75%) dos entrevistados destacaram diversos momentos felizes. As brincadeiras proporcionadas pelos brinquedos confeccionados por eles mesmos, brincadeiras simples como andar a cavalo, nadar no rio, andar de perna de pau e brincadeira de roda. O campo de futebol também foi citado como um espaço de brincadeiras para os meninos, um tempo considerado por eles como “muito bom”:

[...] Fazia boneca de sabugo de milho, fazia boneca de pano, cortava direitinho com a tesoura, fazia as voltinhas tudo de uma pessoa e fazia roupa para ela, pois não tinha dinheiro para comprar. A gente inventava fogãozinho para cozinhar. (Lurdes)

Nós brincávamos muito, nós fazíamos casinha de folha de bananeira, plantava rocinha, ih era muito bom. Nós brincávamos de roda, a gente brincava de pique, de esconde –esconde. (Dora)

[...] Brincava na beirada do rio, na lagoa. Pescava de peneira, andava a cavalo, andava de perna de pau, subia no barranco de perna de pau (José)

[...] lá tinha muitas brincadeiras, campo de futebol e tudo, a gente se divertia muito lá. (Egídio)

Além disso, eles relembrou algumas atividades como o baile, a fogueira, as festas religiosas como a festa de São João, as rezas nas casas como únicas opções de lazer. Os bailes eram realizados aos finais de semana e era frequentado por toda a família já que os filhos não tinham permissão de saírem sozinhos, denotando a submissão dos filhos em relação aos pais. A fogueira, os mais velhos costumavam acender no período da noite onde todos se reuniam em volta para contar “causos” e histórias. A festa de São João, também conhecida como festa junina/julina é comemorada anualmente e é caracterizada pelas danças, brincadeiras, comidas típicas e a tradicional fogueira de São João.

[...] Era assar batata, colocava aquela fogueira enorme e ali era bolo era muita coisa mesmo. (Lurdes)

A gente ia muito para o baile. Era nossa alegria! Tinha fogueira no meio do terreiro, aqueles velhos contando história. (Ana Maria)

A fogueira de São João, rezas nas casas, a gente batia feijão e juntava aquelas varas de feijão lá, a gente queimava para assar batata era a alegria. (José)



Eu lembro da festa junina/julina, e o pai da gente ia na casa do outro para jogar baralho aí nós íamos também. (Ângela)

Os relatos demonstram que as recordações acerca da infância, imprimiu uma forte significação no modo de vida dos idosos. Haja vista, que conforme pontua Halbwachs (2006) as recordações primárias da infância são desenvolvidas na interação com a família. Esse aspecto também foi confirmado na abordagem realizada por Silva (2010), que afirmou que a memória em relação à família e a infância está imbricada na afirmação da identidade de cada sujeito no decorrer da vida.

Ao serem questionados se as lembranças da infância são significativas para a sua vida, 14 (87,5%) dos entrevistados revelaram que as memórias da infância possuíam uma grande significância para as suas vidas, enquanto 2 idosos (12,5%) revelaram que as memórias do tempo de criança não tinham significância alguma. Dos 16 entrevistados, 14 (87,5%) afirmaram que sente como se estivessem revivendo o acontecimento original, no entanto, 2 deles (12,5%) afirmaram que não se sentia revivendo o acontecimento original.

Em relação à forma como a lembrança era manifesta, houve uma predominância de memórias recordadas como uma cena (11 participantes, ou seja 68,8 %), ao passo que 3 dos entrevistados (18,8%) disseram que as lembranças vêm como imagens, 1 (6,25%) entrevistado respondeu que as lembranças vêm como palavras, enquanto 1 (6,25%) não quis opinar alegando que “não gostaria nem de pensar”. Sobre a maneira como as lembranças são evocadas, Elnick et al (1999) afirmam que cada indivíduo tem uma distinta capacidade de lembrar. Alguns conseguem lembrar de forma mais vívida de certos eventos, enquanto outros tem mais dificuldade para conseguir relembrar dos fatos e acontecimentos vividos.

Esta questão é abordada por Gall e Uehara (2018) e também por Halbwachs (2006), que expõe sobre a capacidade das memórias na manutenção da identidade dos indivíduos, na evocação de vivências do passado transmitidas para o presente. Isto é, as informações são ressignificadas e traduzidas mediante a memória autobiográfica, em menor ou maior grau, dependendo da relação afetiva do indivíduo com o evento rememorado.

As lembranças do meio rural trouxeram à memória dos idosos as dificuldades financeiras que, tiveram que enfrentar pois, as condições de vida não eram boas. Segundo os relatos, nota-se que a vida no meio rural foi marcada pela privação e pela pobreza, o alimento era escasso e as roupas que tinham eram ganhadas ou fabricadas em casa pela mãe.

[...] A gente não tinha muito o que comer, então era muito difícil a vida na roça, não dava arroz, só tinha jeito de plantar milho, a água era longe num brejo muito distante, um barranco. Para descer, meu Deus do céu! A gente passou muitas dificuldades. O arroz a gente comia só no domingo e a macarronada era só no natal. Não tinha uma carne, nada. (Rita Lima)



[...] A gente tinha só uns mulambinhos de roupa, a comida não era igual a da rua né? Mas nunca faltou não, graças a Deus! (Maria do Carmo)

As dificuldades eram pela falta de comida, roupa que não tinha, ia ganhar menino não tinha nada, a fralda era pedacinho de pano da camisa do pai. (Joana)

[...] A roupinha que a gente tinha era um pano de chita, que mãe mesmo fazia para a gente e ali se fosse rasgando remendava, a gente não tinha calçados. (Lurdes)

Além das dificuldades financeiras, os entrevistados destacaram outros problemas que tiveram que enfrentar durante a vida no rural como as “estradas péssimas” fazendo referência as estradas precárias pela falta de pavimentação e a “distância longa” que tinham que percorrer para chegar até a cidade mais próxima.

[...] na rua tem mais facilidade para poder comprar, ir na missa, no médico. Na roça era longe, sabe. Tinha que vim de cavalo, outra hora vinha a pé, mas com dificuldades, né? (Maria do Carmo)

As estradas são muito ruins. Muito difícil para sair de casa. (Maria do Carmo)

[...] a gente andava a pé, distante de tudo. (Dora)

Sobre as transformações ocorridas no rural nos últimos anos, os entrevistados relataram que muitas das dificuldades foram superadas, predominando expressões tais como: “hoje mudou muito” e “a tecnologia chegou no campo”, como mostram as narrativas:

O que mudou lá, é que hoje tem iluminação para todo o lado, não tinha celular por lá nem nada, a televisão quase não pegava. Hoje mudou muito, muito! (Egídio)

As mudanças é que, antigamente lá não tinha uma luz para acender, né? Não tinha estradas, eram trilhos, não passava carro. Mas hoje, graças a Deus, tem. Eles estão calçando as estradas lá. (Maria do Carmo)

A indústria chegou no campo, e as pessoas não amam mais a terra, mudou muita gente, as leituras não eram como era mais, a gente não ligava para as aulas e hoje está mais moderno. (Alda)

A tecnologia chegou na roça. Hoje, tem televisão, tem rádio, tem geladeira. (Dora,)

A partir das narrativas, verifica-se que 10 dos entrevistados (62,5%) consideram que as transformações no meio rural são positivas. Dentre os aspectos mencionados estão a tecnologia, a industrialização, a mecanização do campo, as melhorias nas estradas, a iluminação, os serviços de saúde e a aquisição de eletrodomésticos. Contudo, as narrativas mostraram, que 6 dos entrevistados (37,5%) consideram as transformações do rural como negativas. Destacaram-se nas narrativas expressões como “a roça está muito triste”, “acho que piorou” se remetendo ao exôdo rural que obrigou muitas famílias a se mudarem para a cidade pela falta de emprego no campo, consequência da substituição da mão de obra humana pelas máquinas, conforme os excertos:

Piorou né? As usinas tudo acabou. Tinha os engenhos, fazia rapadura. Acabou tudo, foi tudo desativado. Internet também tem, né? (José)

[...] acho que até piorou, porque no meu tempo a gente plantava arroz, plantava feijão, plantava tudo, hoje eles não plantam nada. (Rita Lima)

Eu sinto que a roça hoje está muito triste, as pessoas foram embora, e tudo é feito com máquinas, muito triste. (Antônia)



Quando questionados se as dificuldades no meio rural lhes permitiram enfrentar a velhice de forma mais saudável ou com problemas de saúde, 12 dos entrevistados (68,75%) responderam que a vida no rural lhes permitia enfrentar a velhice com mais saúde, mesmo tendo passado por muitas privações e enfrentando o trabalho árduo quando eram mais jovens.

As razões apresentadas pelos entrevistados remetem aos seguintes fatores: “bebia chá” denotando que as plantas medicinais são mais eficientes que os medicamentos farmacêuticos, “alimentos sem veneno” se referindo a utilização de agrotóxico na produção comercializada na cidade, e ao “leite de cabra” associando ao fato de possuir ossos fortes.

Ah, de saúde, mais saudável. A gente não tinha médico, bebia chá. (Joana)

A gente tem mais saúde, né? Na zona rural tem muita fruta, muita coisa sadia, né? Hoje não, você chupa uma laranja tem remédio [veneno] para crescer a fruta, né? (Efigênio)

É mais saudável, você planta, não come nada com veneno, não é ruim não. (Iolanda)

Saudável, sabe porquê? Por causa das verduras do mato, do leite de cabra que é tão forte que ajudou a ter esses ossinhos [fortes] que tenho hoje. (Rita)

Quatro entrevistados (31,25%) afirmaram que a vida no meio rural acarretou a eles problemas de saúde, devido ao esforço para “carregar lenha e saco de café nas costas”, a falta de acesso aos serviços de saúde, e principalmente pela falta de “agasalho, sapato e roupas” para proteger do frio nos dias de inverno, como mostram os excertos:

A vida no rural me deu problemas de saúde. Eu dei coisas aqui no osso de tanto carregar fecho de lenha, eu dei desvio na coluna de tanto carregar saco de café nas costas, e não tem cura. (Maria Augusta)

Ah acarretou problemas de saúde, porque os recursos eram pouco, né? Só quando estava assim, muito ruim que ia para o hospital. (Antônia)

Ah, acarretou problemas de saúde, a gente não tinha roupas de frio, no tempo de frio a gente saía de madrugada descalço, não tinha agasalho direito. (José)

É preciso considerar que a falta de recursos econômicos e a situação de pobreza era uma realidade na vida dos depoentes. Tinham que trabalhar duro em serviços de baixa ou nenhuma remuneração, que limitava o acesso aos bens de consumo relacionado à insuficiência financeira para manter as despesas com roupas, alimentos, calçados, e etc. Essa situação era agravada pelo fato de que, naquele tempo, poucos desfrutavam de qualquer tipo de proteção social do Estado (Batista, 1999), que lhes garantissem uma vida com dignidade.

Durante a entrevista, questionamos os idosos se eles achavam que a velhice do passado era semelhante ou diferente da atual. Para 13 dos entrevistados (81,2%), a velhice atual é melhor pois, a do passado “durava pouco” e atualmente “vivem mais”, com diversão,



elemento que não fazia parte da realidade da velhice do passado, haja vista o contexto social, cultural e costumes rígidos vigente naquele tempo. Além disso, as famílias tinham muitos filhos e a responsabilidade pela criação e pela educação tomavam todo o tempo das mulheres, em contrapartida os homens eram os responsáveis pelo sustento da casa, trabalhavam o dia todo fora de casa.

Nesse sentido, Maria Augusta considera que “a diferença é que hoje tem mais divertimento”. Ângela pensa que a velhice de antigamente durava pouco porque “tinha pouco recurso”. Lurdes destacou que “Antes os mais velhos faziam tricô, faziam crochê, hoje não fazem mais.” Enquanto Antônia tem a opinião de que “A velhice de agora é muito mais tranquila. Antigamente nem salário a gente tinha para manter né? A minha mãe teve muitos filhos e não tinha tempo para nada, ela plantava roça, milho, feijão, era só muito trabalho”

Percebe-se nas falas dos entrevistados, um olhar diferente sobre o envelhecimento, atrelados aos cuidados com a saúde em busca de qualidade de vida. Fator de destaque é a conquista da aposentadoria como direito, efetivada em 05 de outubro de 1988, constitucionalmente, o benefício no valor de um salário mínimo, é garantido aos trabalhadores do sexo masculino aos 65 anos, e 60 anos aos do sexo feminino. Conforme relata Zanelli e Silva (1996), a aposentadoria se constitui para os idosos como um prêmio de recompensa, uma oportunidade para aproveitarem a vida, devido a segurança que a mesma oferece, contrapondo aos tempos de privações experimentado no meio rural.

Os entrevistados citaram as atividades físicas oferecidas pelo Núcleo de Convivência, a realização de caminhadas e a prática de atividades de lazer fundamentais para uma velhice saudável. Na visão de Alda, “Antes, era cortar lenha, não tem nem comparação, tem os encontros da 3ª idade e pode participar de várias coisas, o cuidado com a saúde, a leitura, o estudo”. Antônia diz que “Hoje tem aqui o PMTI, e aqui tem muita coisa para fazer”. Iolanda destaca que “Hoje tem muitas atividades para os velhos, principalmente na cidade. Eu vejo muitos fazerem caminhadas, outros fazem exercício, né!? Antigamente não, não tinha nada disso”. Lurdes, por sua vez, diz que “hoje tem muitas coisas para fazerem, eles vivem saindo para se divertir, está tudo mudado. E a velhice atual é isso né!? Os idosos buscam uma qualidade de vida e querem viver mais e mais”.

De acordo com Silva (2017) ao envelhecer os indivíduos buscam uma melhor qualidade de vida, para viver bem e melhor. Entretanto, 03 entrevistados (18,8%) consideram que a diferença entre a velhice do passado e a atual está no fato de que no passado “as pessoas viviam mais”, e “com muito mais saúde” se referindo a alimentação mais saudável no campo, e a questão da violência que tem ceifado muitas vidas, inclusive os mais jovens que não chegam a envelhecer. Joana considera que “No passado a gente vivia mais, hoje não está vivendo quase nada”. Para Ana Maria, “a diferença é as pessoas



vivia muito mais, com muito mais saúde”. Já Maria de Paula considera que “antes as pessoas envelheciam mais e viviam até mais tarde, no meio de jovem está tudo morrendo cedo”.

Embora os idosos tenham a percepção de que as pessoas viviam mais, o IBGE mostra que a expectativa de vida tem aumentado. Segundo dados do Instituto, desde 1940, a expectativa de vida do brasileiro aumentou em 30,8 anos (IBGE, 2019).

As narrativas apontam distinções entre o envelhecimento do passado e do presente, notadamente em função de novos hábitos, costumes e concepções que foram incorporados na sociedade. Isso mostra que a cultura e a sociedade são dinâmicas e estão em constante mudança: novos elementos surgem e outros caem em desuso.

De acordo com Lima et al (2008), o envelhecimento ainda é associado a uma fase de doença e dependência, sobretudo nos países ocidentais, porém, esta fase envolve aspectos que não podem ser generalizados, considerando que existem fatores que podem contribuir para um envelhecimento saudável como por exemplo “a prática de hábitos saudáveis, engajamento com a vida e manutenção de altos níveis de habilidades funcionais e cognitivas” (p.797). Alguns idosos percebem a velhice como a uma fase de diversão e realizações, em que sente vontade de viver bem, mas sem esquecer suas origens, sua identidade e suas memórias (SILVA, 2008).

2.2. Memórias e migração campo-cidade

Na década de 1940, o processo de industrialização, urbanização e consequente mecanização do campo submeteu muitas famílias rurais a péssimas condições de vida inviabilizando a sua permanência no campo, provocando o processo compulsório de migração campo-cidade (GUSMÃO; ALCÂNTARA, 2008 p. 174). Esse processo se intensificou a partir dos anos 1960, o que “fez com que hoje o Brasil seja uma sociedade predominantemente urbana que experimenta nessas áreas um intenso processo de envelhecimento populacional” (VERAS et al, 1987, p.225).

Nas falas dos/as idosos/as participantes desta pesquisa foi enfatizado que as condições de vida no meio rural eram difíceis, e tiveram que migrar para a cidade para “arranjar emprego”. Mencionaram que o terreno onde moravam era de “fazendeiros”, “o salário era muito ruim” e o dinheiro que recebiam “mal dava para sobreviver”. Por esta razão, muitos optaram em deixar o meio rural, como mostra os relatos:

Ah eu tinha muita vontade de vir para cidade que na roça a gente sofria bastante, capinando, lavando roupa para o fazendeiro [...]. Aí meu pai veio pra cá trabalha.
(Ângela)



É porque na zona rural eu estava passando muito aperto com quatro crianças, engravidei da caçula lá, aí eu trabalhava demais na roça, e o dinheiro mal dava para sobreviver. A vida estava muito difícil, então resolvi vir para a cidade. (Rita Lima)

É por causa do emprego né? Na roça estava difícil emprego, então eu vim para a cidade (José)

A gente morava em terreno de fazendeiro, né? Mais, por causa do salário que era muito ruim a gente ganhava quase nada, a gente veio para a cidade para arranjar emprego. (Efigênio)

Além da saúde e educação, outro motivo que levou os participantes da pesquisa a migrarem para a cidade foi o trabalho, corroborando os estudos de Oliveira e Jannuzzi (2005) e Dendena (2018). As respostas sobre os principais elementos estimuladores para êxodo rural evidenciam a ausência de investimento público em trabalho, saúde e educação no campo.

Questionados se recomendariam quem vive no meio rural se mudarem para a cidade, 13 (81,2%) dos entrevistados disseram que recomendam a mudança. A argumentação a favor da mudança se fundamentou nos aspectos ligados a facilidade de trabalho, melhores condições de salário e de serviços de infraestrutura como iluminação e estradas pavimentadas existentes na cidade. Conforme pontua Bonomo (2010), a positividade da cidade em detrimento ao campo está ligada as péssimas condições de vida na zona rural, discussão que deve ser problematizada, por um lado, em decorrência tanto da falta de investimento no campo, quanto da ausência de serviços públicos como educação, saúde, entre outros para manutenção dos indivíduos em boas condições de vida no rural.

No rural a gente passa muita falta das coisas, né? Não tem serviço [trabalho], nem comida, nem dinheiro. Na cidade tem mais recursos e facilidades para conseguir essas coisas. (Joana)

O dinheiro não dá para nada sabe, você paga mais do que você gasta, gasta mais do que ganha, recomendaria vir para cidade. (Maria do Carmo)

[...] eu vou dizer para você que é bem melhor sair de lá e morar em um lugar mais fácil de trajeto. (Rita)

Diante de suas trajetórias de vida, elas afirmaram que a cidade oferece melhores condições de vida, se comparado ao tempo que viveu no rural em referência aos serviços de infraestrutura, do acesso a equipamentos públicos, uma vez que se reconheceu e efetivou alguns dos direitos dos idosos, particularmente na questão da aposentadoria e em investimentos em espaços de socialização e convivência, que apresentaram uma melhora significativa na vida dos idosos.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou analisar a memória afetiva dos idosos/as em relação ao meio rural, em um enfoque plural da velhice, considerando a importância das memórias na construção das identidades, por meio da rememoração de suas histórias de vida.

A migração permitiu um intercâmbio entre os modos de vida rural e urbano e uma interação territorial entre campo e cidade, através da avaliação acerca da cidade e do campo que contém aspectos valorativos tanto negativos quanto positivos. Muitos dos idosos expressaram a satisfação de residirem na cidade e se adequarem ao modo de vida urbano, sem romper o vínculo estabelecido com o rural, tendo a formação identitária como referência para a manutenção desses laços.

Em relação às memórias e o processo de envelhecimento, os dados mostraram que a construção da memória envolve experiências vividas ao longo do tempo, que são manifestas na socialização e na identidade coletiva do indivíduo, já que a construção da identidade ocorre através das interações sociais com as pessoas e com o mundo. Através das narrativas, os idosos rememoraram experiências que estavam guardadas na memória acerca da infância na roça, a migração, o trabalho, o envelhecimento, os valores, as relações familiares e as transformações ocorridas no meio rural. Todas as lembranças dos idosos se associam a eventos sociais, que mostram que nossa memória é coletiva, embora haja aspectos individuais. Dessa forma, pode-se estabelecer relações entre memórias e envelhecimento, que entrecruzam recordações tanto do passado distante e mais próximo, articuladas às vivências do presente.

Na busca por melhor qualidade de vida, observou-se uma tendência entre os idosos no cuidar da saúde. Assim, eles praticam exercícios físicos, atividades de lazer e participam de grupos de convivência, dando ênfase aos aspectos positivos da velhice, em contraposição a ideia sobre a velhice marcada por estereótipos a respeito do velho fraco e doente. Para os participantes da pesquisa, a imagem da velhice envolve uma fase de diversão e realizações, em que o idoso sente vontade de viver, e viver bem.

As recordações a respeito das mudanças que ocorreram no contexto rural remetem a importância da memória para a transmissão de valores de uma geração para a outra, considerando as recordações dos mais velhos um fator essencial para manter a cultura e as tradições do passado vivas. Essa perspectiva torna-se um desafio, pois a responsabilidade de educar os filhos hoje não é exclusividade da família, mas é repassada a terceiros, saindo do ambiente intrafamiliar para o extrafamiliar.

Em suma, verificou-se neste estudo que os idosos, por meio da rememoração de suas histórias de vida, mostraram que os processos que envolvem as memórias estão



imbricados na construção da identidade do indivíduo. Diante das transformações do campo, eles puderam dar novos significados ao lugar de origem fazendo referência a elementos de valorização daquele espaço ressaltando o sentido de pertencimento com o rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGIMON, I. I. L et al. Velhice e Identidade: Significações de Mulheres Idosas. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 79-99, set. 2011. Disponível em: http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9128/2/velhice_e_identidade_significa_dos_de_mulheres_idosas.pdf. Acesso em: 08/07/2020.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BATISTA, A. Reforma do Estado: Uma Prática Histórica de Controle Social.1999. *In: Revista Serviço Social & Sociedade*, 61, 63-90. (Ano XXI). São Paulo (SP): Cortez.

BEAUVOIR S. **A velhice**. São Paulo: Difusão Européia do Livro; 1990.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *In: Magia e arte, técnica e ciência*. Obras escolhidas. Vol I, São Paulo: Brasiliense, 1993.

BONOMO, R. Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário: campo de antinomias. 2010. **Tese (Doutorado em Psicologia)** - Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3123/1/tese_2477_.pdf. Acesso em 07/03/2020.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRANDÃO, V. M. A. **Labirintos da memória: Quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.

CRAS. Histórico do programa municipal da terceira idade (PMTI). Centro de Referência da Assistência Social de Viçosa - MG. 2007. Disponível em: https://www.vicosamg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Historico_Assistencia_Social_cdLocal=2&arquivo=%7BC0CC44B0-CEC6-EC3A-006E-5D5BB655A3D3%7D.pdf. Acesso em: 20/07/2020.

DENDENA, D. P. Territorialidades da migração campo-cidade em Severiano de Almeida: um estudo sobre a Linha Norte. 2018. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)** - Universidade Federal da Fronteira Sul. Disponível em: <https://rd.ufes.edu.br/bitstream/prefix/2072/1/DENDENA.pdf>. Acesso em: 04/03/2020.

ELNICK, A.B; MARGRETT, J.A; FITZGERALD, J.M et al. Memórias de referência na idade adulta: domínios centrais e preditores de sua frequência. **Journal of Adult Development** 6, 45–59 (1999). Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1021624324994>. Acesso em: 07/07/2020.

GALL, M. H; UEHARA, E. Memória autobiográfica da infância em universitários da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. Londrina, v.9, n.3, p.24-37, set. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223664072018000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13/06/2020.



GUSMÃO, N. M. M de; ALCÂNTARA, A. O. Velhice, Mundo Rural e Sociedades Modernas: Tensos Itinerários. **Revista Ruris** | volume 2, número 1 | março de 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz. Sidou. São Paulo:Centauro 2006.

HOROCHOVSKI, M. Memórias de Morte e Outras Memórias: lembranças de velhos. **Dissertação de Doutorado apresentada à Universidade Federal do Paraná**, Curitiba Brasil.2008.Disponível em:https://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/2010/artigos_teses/sociologia/1MariseteHoffmannHorochovskiMemoriasdemorteeoutrasmemorias.pdf. Acesso em: 18/07/2020.

IBGE- - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Agencia IBGE notícias. Nov. 2019. **Expectativa de vida dos brasileiros aumenta para 76,3 anos em 2018**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26103expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumenta-para-76-3-anos-em-2018>.

LIMA, A.M.M.; SILVA, H.S.; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.12, n.27, p.795-807, out./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832008000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20/07/2020.

MARIN, J. O. B. Infância rural e trabalho infantil: concepções em contexto de mudanças. **Desidades**, Rio de Janeiro , n. 21, p. 46-58, dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231892822018000400004&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 20/07/2020.

MARINHO, M. S; REIS, L. A. dos. Reconstruindo o passado: memórias e identidades de idosos longevos. **Estud. interdiscipl. Envelhec.** Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 243-264, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/63692/44549>. Acesso em 08/05/2020.

MATOS, P. R. M. A. Ser-se mais do que *velho*: tempo, memória e velhice no contexto de um Lar. In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 8., 2004, Coimbra. **Anais...** Coimbra: CES, 2004. p. 1-22. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel64/PATriciaMatos.pdf>>. Acesso em: 12/05/2020.

MESQUITA, A. A. Envelhecimento Populacional e Relações de Gênero: Velhos Dilemas e Novos Desafios. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, Florianópolis. 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499640460_Arquivo_Mesquita,A-Envelhementopopulacionalerelacoesdegenero.pdf. Acesso em: 12/03/2020.

OLIVEIRA, K. F.; JANNUZZI, P. M. Motivos para migração no Brasil e retorno ao nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo. v. 19, n. 4, p. 134-143, Dec. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392005000400009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em:15/05/2020.

PEREIRA, A. S. Memórias Autobiográficas de Mulheres Idosas: Infância, Escola e Trabalho. 2012. In: **VI Colóquio Internacional- Educação e Contemporaneidade**. São Cristovão-SE-



Brasil. 20 a 2 de setembro de 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10174/20/19.pdf>. Acesso em: 10/03/2020.

PMTI. **Histórico Municipal da Terceira idade.** Disponível em: <<http://crasvicoso.blogspot.com/2009/07/programa-municipal-da-terceira.html>>. Acesso em: 21/07/2020.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 12/04/2020.

PORTO, T. M. E. Relações que a Tv e a Escola Propiciam aos Educandos: entrevista concedida pelo prof. francisco gutiérrez, em outubro de 1995. **Rev. Fac. Educ.** São Paulo. v. 23, n. 1-2, p. Jan.1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010225551997000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20/07/2020.

SILVA, G. C. D da. **A compreensão do conceito de qualidade de vida para o idoso em situação asilar.** 2010. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

SILVA, L. R. F. Terceira idade: Nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional? **Physis**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 801-815, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312008000400011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15/07/2020.

SILVA, M. J. D. O envelhecimento ativo: o apoio das tecnologias da informação e comunicação e das redes de suporte social. **Dissertação de Mestrado.** Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2017. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/2561>. Acesso em: 13/07/2020.

VARELA, K. M. **Memória autobiográfica em idosos saudáveis: Um estudo sobre o papel do outro na recordação.** 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/19129/1/2011-Dissertacao-Karen-Meireles-Varela.pdf>. Acesso em: 10/07/2020.

VERAS, R. P.; RAMOS, L. R; KALACHE, A. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. **Rev. Saúde Pública.** São Paulo, v.21, n.3, p.25-233. Junho1987. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489101987000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11/05/2020.

ZANELLI, J. C. SILVA N. **Programa de Preparação para Aposentadoria.** [S.l.]: Insular, 1996.